



ORIENTE MÉDIO

X/Reprodução



X/Reprodução



X/Reprodução



O flagrante de uma barbárie

A cena, registrada em vídeo, repercutiu nas redes sociais e despertou revolta. Na manhã de ontem, um reservista colono judeu lançou o trator que dirigia contra um palestino que orava, ajoelhado, ao lado da estrada perto do vilarejo de Deir Jarir, ao norte de Ramallah, na Cisjordânia. Depois de atropelar o palestino, o homem desce do veículo e grita para que a vítima deixe o local. As Forças de Defesa de Israel (IDF) confiscaram a arma do reservista, que foi suspenso do serviço militar, e iniciaram uma investigação. “Casos assim são muito comuns”, admitiu ao **Correio** Mustafa Barghouti, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina. “Os colonos têm incendiado casas e carros e disparado contra palestinos. São ações de grupos terroristas de colonos, auxiliados pelas IDF”, acrescentou.

Israel admite anexar territórios palestinos

Ministro da Defesa acena com incorporação da Cisjordânia, adverte que suas tropas jamais deixarão a Faixa de Gaza e não descarta assentamentos no norte do enclave. Bloqueios militares dificultaram o trânsito de peregrinos cristãos até Belém

» RODRIGO CRAVEIRO

Israel Katz, ministro da Defesa do governo de Benjamin Netanyahu, admitiu que seu país implementa uma anexação “de fato” da Cisjordânia, com a construção de assentamentos judaicos e a expulsão de palestinos dos chamados “campos terroristas”. “Estamos implementando uma política de soberania prática. É impossível, agora, declarar soberania”, afirmou Katz, durante conferência sobre educação promovida pelo jornal sionista religioso *Makor Rishor*, segundo o jornal *Haaretz*.

“Soberania prática significa... (retirar) os palestinos dos campos de concentração e estacionar as Forças de Defesa de Israel lá, e estabelecer assentamentos”, acrescentou. Katz também alertou que “Israel nunca abandonará o território de Gaza” e permitirá aos colonos judeus viverem no norte do enclave, “em algum momento do futuro”.

No domingo, Israel havia anunciado a autorização para a construção de 19 assentamentos judaicos na Cisjordânia, território sob ocupação há 58 anos. A decisão foi condenada por 14 países, entre eles, Reino Unido, França, Espanha e Japão. “Governos estrangeiros não restringirão o direito dos judeus de viver na Terra de Israel, e qualquer apelo neste sentido é moralmente incorreto e discriminatório contra os judeus”, declarou Gideon Saar, ministro das Relações Exteriores israelense.

A primeira celebração de Natal em Belém (Cisjordânia) desde o início da guerra em Gaza foi marcada pela dificuldade de acesso à cidade pelos peregrinos cristãos. “A estrada foi terrivelmente bloqueada. Eu levei cerca de quatro

Zain Jaafar/AFP



Garoto posa para fotografia empunhando a bandeira palestina sobre ruínas de casa demolida por Israel, em Bazzaryah, na Cisjordânia

horas para me deslocar de Ramallah até Belém, por causa dos inúmeros postos de controle. O movimento natural da comunidade cristã da Cisjordânia para Jerusalém e, depois, para Belém foi obstruído. Esse percurso está mais difícil do que antes. Por isso, a quantidade de fiéis em Belém, na noite de Natal, foi bem menor do que em 2024”, disse ao **Correio** Mustafa Barghouti, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina e potencial sucessor do presidente Mahmud Abbas.

De acordo com Barghouti, a Cisjordânia enfrenta um processo de

apropriação e confisco de terras. “A expansão de assentamentos judaicos busca sufocar os palestinos, sob os pontos de vista da geografia, da economia e da demografia”, denunciou, por telefone. Ele admitiu que os ataques de gangues de colonos judeus em áreas próximas aos assentamentos aumentou drasticamente. “Temos registrado até 10 ataques diários em várias partes da Cisjordânia. Essas ações são estimuladas por ministros do governo israelense, que fazem parte da extrema direita e também são colonos”, comentou.

Linha Amarela e Líbano

Ontem, soldados das Forças de Defesa de Israel mataram, em dois incidentes separados, três palestinos que teriam cruzado a chamada Linha Amarela — uma fronteira imaginária que corta a Faixa de Gaza em uma parte ainda ocupada por tropas israelenses e outra, ao oeste, da qual as IDF se retiraram em cumprimento ao acordo firmado em 10 de outubro.

As IDF anunciaram que um bombardeio no Líbano assassinou Hussein Mahmud Marshad

Al-Jawhari, integrante da Força Quds — a unidade de elite da Guarda Revolucionária Iraniana. O Exército israelense referiu-se a Al-Jawhari como “um terrorista-chave na unidade operacional da Força Quds”. “Ele se envolveu em atividades terroristas, dirigidas pelo Irã, contra o Estado de Israel e suas forças de segurança a partir do Líbano e da Síria”, afirmou o Exército.

Israel e Irã travaram uma guerra de 12 dias, em junho passado. Com a ajuda dos EUA, os israelenses atacaram alvos do programa nuclear de Teerã.

Duas perguntas para

MUSTAFA BARGHOUTI, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina e potencial sucessor do presidente Mahmoud Abbas



Como o senhor avalia a situação na Cisjordânia?

A situação na Cisjordânia é absolutamente horrível. Ela está sujeita a uma expansão sem precedentes dos assentamentos judaicos. O governo israelense acaba de aprovar mais 19 assentamentos. Mas o número de assentamentos e de postos avançados chega a 500. Eles têm espalhado assentamentos por todos os lados e praticamente confiscaram 60% da Cisjordânia. Também impuseram mais de mil postos de controle para transformar áreas do território em pequenos guetos separados entre si.

De que maneira o senhor vê a ameaça de Israel de anexar o território?

Os ministros Itamar Ben-Gvir (Segurança Nacional), Bezael Smoutrich (Finanças) e Israel Katz (Defesa) continuam falando em anexar a Cisjordânia. Eles estão praticamente anexando-a gradualmente, sem uma declaração oficial. O processo de construção de assentamentos e a apropriação de terras e os ataques das gangues de colonos judeus a comunidades de palestinos ocorrem porque o mundo nada faz. Todos os países, que falam sobre uma solução baseada em dois Estados, não estão prontos e nem sequer impuseram uma única sanção a Israel. Sem sanções, Israel continuará. Ninguém se importa com condenações. (RC)

TERRORISMO

EUA atacam Estado Islâmico na Nigéria

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou um ataque contra alvos do grupo terrorista Estado Islâmico, na Nigéria. “Nesta noite, sob minha direção como comandante-em-chefe, os EUA lançaram poderoso e letal ataque contra a es-cória terrorista do ISIS (acrônimo para Estado Islâmico), no noroeste da Nigéria, que tem atacado e assassinado brutalmente, principalmente, cristãos inocentes, em níveis não vistos por muitos anos e até mesmo séculos!”, escreveu na sua plataforma Truth Social.

“Eu havia alertado esses

terroristas de que, se não parassem com o massacre de cristãos, haveria consequências terríveis, e esta noite, elas vieram”, acrescentou. Segundo Trump, o Departamento de Guerra executou inúmeros ataques perfeitos, “como só os Estados Unidos são capazes de fazer”. “Sob minha liderança, nosso país não permitirá que o terrorismo islâmico radical prospere. Que Deus abençoe nossas Forças Armadas e um feliz Natal a todos, incluindo os terroristas mortos, que serão muitos mais se o massacre de cristãos continuar”, ameaçou.



Andreas Solaro/AFP

Papa Leão XIV pede uma “paz desarmada”

O pontífice Leão XIV apelou para que Rússia e Ucrânia tenham a “coragem” de negociar de forma “direta” o fim da guerra, pediu uma “paz desarmada” no mundo e destacou a situação humanitária em Gaza. “Rezamos especialmente pelo atribulado povo ucraniano, para que cesse o estrondo das armas e para que as partes envolvidas, com o apoio da comunidade internacional, encontrem a coragem para dialogar de maneira sincera, direta e respeitosa”, declarou, em sua bênção Urbi et orbi (“A cidade e ao mundo”). “A paz do Jesus ressuscitado é desarmada. “A sua foi uma luta desarmada em meio a circunstâncias históricas, políticas e sociais concretas.” Segundo o papa, a paz não pode consistir na posse de um suprimento igual de armamentos, mas na confiança mútua. “Frágil é a carne das populações indefesas, provadas por tantas guerras, em curso ou concluídas, que deixam para trás escombros e feridas abertas”, disse o líder católico, antes da bênção, durante a homilia na missa celebrada na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Em seu sermão, o papa destacou a situação humanitária difícil em Gaza, após uma guerra de dois anos entre o grupo Hamas e Israel que deixou dezenas de milhares de mortos, além de ter forçado o deslocamento da população em diversas ocasiões. Leão XIV recordou as “tendas de Gaza, expostas durante semanas à chuva, ao vento e ao frio”, e as centenas de milhares de habitantes do território que enfrentam o inverno em condições extremas. O pontífice, que tem cidadania americana e peruana, também reservou palavras para a América Latina e os migrantes que “percorrem o continente americano” em busca de um futuro melhor.